A migração chinesa

Chinese migration

*Samuel Kilsztajn**

1 INTROITO

Os novos contingentes de imigrantes chineses são funcionais para a China, na medida em que fomentam a expansão do comércio internacional e promovem o intercâmbio cultural que favorece a consolidação de sua hegemonia internacional.

A imigração se transformou em um dos grandes campos de batalha política do século XXI. De um lado, Estados e movimentos nacionalistas reivindicam o direito soberano de controlar suas fronteiras. De outro, cidades, organizações sociais e movimentos de defesa dos imigrantes reivindicam direitos para pessoas que já vivem e trabalham em seu território, independentemente de seu status migratório (KILSZTAJN, 2026). Nesse contexto, vejamos algumas questões inerentes à migração asiática, especialmente a chinesa.

Entre os naturais do Leste e Sudeste Asiático, de acordo com as Nações Unidas, o Brasil abrigava, em 2024, 53 mil imigrantes japoneses, 25 mil chineses, 9 mil coreanos, 1,4 mil vietnamitas, 0,8 mil indonésios, 0,7 mil filipinos e 0,6 mil tailandeses.

A imigração japonesa para o Brasil concentrou-se entre o início do século XX e os anos 1970. Hoje, cerca de três milhões de brasileiros são de origem japonesa. São Paulo abriga a maior comunidade japonesa fora do Japão. Os naturais da Coreia do Sul migraram para o Brasil, principalmente, nos anos 1960 e 1970 e hoje, entre imigrantes e descendentes, somam cerca de 50 mil, a maioria concentrada no Bom Retiro, em São Paulo - SP.

Os chineses começaram a chegar ao Brasil no início do século XIX, ainda que em pequeno número. Depois da Revolução de 1949, houve um fluxo de imigrantes de Taiwan para o Brasil, mas a imigração ganhou força, sobretudo, a partir de 1979, depois que a China Comunista abriu e mercantilizou sua economia. Hoje, mais de 300 mil chineses e descendentes, incluindo naturais de Taiwan, vivem no Brasil.

---

* Professor titular de Economia Política. Autor, entre outros livros, de *Shang Hai, mon amour.* (2026) Disponível em: < bit.ly/driveskil >. Contato: skilmail@gmail.com

2 A MIGRAÇÃO CHINESA

A partir de 1990, centenas de milhões de moradores do campo e de cidades pequenas migraram para as grandes cidades da China, onde passaram a trabalhar e viver como cidadãos de segunda classe, com acesso limitado a direitos trabalhistas e sociais. Em 1990, havia 21 milhões de migrantes internos, incluindo trabalhadores e familiares, vivendo fora de seu local de origem; em 2024, esse número ultrapassou 350 milhões. A migração interna é tema do premiado documentário de 2009, *Last train home*, do cineasta chinês Li Xin Fan, radicado no Canadá. O filme não foi censurado na China, mas também não foi devidamente distribuído.

A abertura econômica da China também intensificou a emigração, principalmente em direção aos Estados Unidos, Europa, Japão, Canadá, Coreia do Sul, Austrália e Singapura (além de Hong Kong, que faz parte da China, mas possui um alto grau de autonomia). Entre 1990 e 2024, o número de pessoas nascidas na China vivendo no exterior passou de aproximadamente 4 milhões para 12 milhões.

As migrações interna e internacional – para as grandes cidades da China e para outros países – são movimentos paralelos, dois fluxos distintos que têm a mesma origem, o êxodo da zona rural e das pequenas cidades. As remessas que o migrante envia para casa frequentemente geram um efeito significativo em sua terra natal. A migração internacional pode ainda representar uma alternativa para o acesso a amplos direitos trabalhistas e sociais, que são obstaculizados aos migrantes nas grandes cidades da China.

3 OS CHINESES NO BRASIL

Entre 1990 e 2024, o número de pessoas nascidas na China vivendo no Brasil passou de aproximadamente 10 mil para 25 mil. Entre 2010 e 2023, de acordo com os registros do DataMigra, entraram no Brasil, na qualidade de residentes, 6 mil japoneses, 6 mil coreanos e 24 mil chineses (considere-se que há imigrantes que não permaneceram no país e imigrantes que podem ter entrado mais de uma vez no território nacional). Ou seja, no período 2010-23 entraram no Brasil 4 vezes mais chineses que japoneses ou coreanos. Mas o Brasil não figura como um destino significativo para a diáspora chinesa.

Hoje, 2026, destaca-se a presença chinesa em São Paulo, na região da Rua 25 de Março, tradicionalmente ocupada por sírios e libaneses, onde anualmente é organizado o Festival da Lua Chinês, cuja edição mais recente foi realizada entre 19 e 20 de setembro de 2026.

Chang Sheng Shu, professor da FFLCH/USP, publicou *Chinese migration to Brazil: history, mobility and identities* e criou a Biblioteca Virtual de Estudos da Migração Chinesa no Brasil. Trata-se de uma importante iniciativa que pode estimular novas pesquisas que contribuam para uma compreensão mais profunda dessa imigração no Brasil e suas estreitas conexões com as transformações sociais na China e a geopolítica mundial, por um lado, e, por outro, com as objetividades e subjetividades de milhares de famílias chinesas e seus projetos migratórios.

4 EPÍLOGO

Os novos contingentes de chineses que se dirigem para outros países são funcionais para a China, na medida em que incentivam a expansão do comércio internacional, favorecida pelo domínio da língua e pela identidade cultural dos imigrantes com o país de origem. Boa parte dos imigrantes dedica-se ao comércio, promovendo a importação de produtos chineses em seus países de destino.

A China também atraiu o grande capital internacional, que tem estabelecido parcerias com empresas locais e investido em plantas industriais, centros de pesquisa e desenvolvimento. Da mesma forma, a China tem investido em empresas no exterior, que empregam, em parte, trabalhadores chineses.

A Fuyao Glass Industry Group, que assumiu uma planta industrial nos Estados Unidos, autorizou a filmagem de *American Factory*, acreditando que o documentário registraria uma história de sucesso, a geração de milhares de empregos. Os cineastas independentes, porém, com amplo acesso ao chão de fábrica, às reuniões, aos operários e aos executivos, nos Estados Unidos e na China, documentaram conflitos trabalhistas, redução de salários, aceleração do ritmo de trabalho, imposição de horas extras, ressentimentos pela restrição da vida privada e familiar, cerceamento à organização sindical etc. Ironicamente, a China Comunista está ensinando ao Império Capitalista Americano como fazer seus trabalhadores esquecerem seus parcos direitos trabalhistas conquistados e se submeterem ao capital. O documentário, lançado em 2019 pela Netflix, que não opera no país, não teve distribuição oficial na China, mas circulou amplamente por meios não oficiais, sem cortes de censura, e provocou intenso debate nas redes sociais chinesas.

No Brasil, em dezembro de 2024, a denúncia de trabalho em condições análogas à escravidão nas obras do conglomerado chinês BYD Company Limited na Bahia foi amplamente divulgada pela mídia. A empresa, atualmente a maior produtora de automóveis elétricos do mundo, instalou em Camaçari, a 50 quilómetros de Salvador, a sua maior fábrica na América Latina.

Além da promoção de intercâmbio entre universidades, agremiações e instituições chinesas e estrangeiras – enviando delegações nacionais a outros países e financiando viagens de delegações do exterior à China –, o Partido Comunista faz uso do Qiao Wu, um conjunto de políticas e instrumentos para administrar, influenciar e controlar as comunidades chinesas no exterior, de modo a solidificar os vínculos dos chineses da diáspora com a China e favorecer a consolidação de sua hegemonia internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KILSZTAJN, Samuel. **A era das migrações**. São Paulo: Outras Palavras, 2026. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/cronica-a-era-das-migracoes/ >. Acesso em: 1/10/2026.